

ASA

JUDAISMO E PROGRESSISMO

ÓRGÃO INFORMATIVO E DE DIVULGAÇÃO CULTURAL DA ASSOCIAÇÃO SCHOLEM ALEICHEM DE CULTURA E RECREAÇÃO

Ano XXIII Nº 134

www.asa.org.br

Janeiro/Fevereiro de 2012

ARGENTINA - BRASIL - URUGUAI

Instituições progressistas se reúnem em Buenos Aires

Jacques Gruman

Páginas 3 a 5

Foto: Sara M. Gruman



E MAIS...

2

EDITORIAL

Perguntas

6

FÉ E POLÍTICA

Uma união imperativa
GERALDO MAJELA
PESSOA TARDELLI

8

SECURON (parte 5)

Círculo Sholem Aleichem
MOTL POLANSKY



10

BECO DA MÃE

Por trás da notícia
HENRIQUE VELTMAN

11

NOTAS

PRATIQUE ESPORTES NA ASA

PATINAÇÃO ARTÍSTICA

Segundas e quartas-feiras,
das 18 às 20 horas

Professoras Fernanda Ferreira
e Claudia Toledo

Mensalidade: R\$ 90,00



XADREZ

Segundas e quartas-feiras,
das 19 às 20 horas

Professor Paulo Pereira
Mensalidade: R\$ 80,00



Informações na secretaria ou pelos telefones 2539-7740 e 2535-1808

EDITORIAL

Perguntas

Guerras se originam em divergências políticas, de fronteiras e de culturas. Nós, judeus, somos conhecidos pelas divergências internas, especialmente quando o assunto se refere a nossa condição judaica. Não foi diferente no 1º Seminário sobre Cripto-Judaísmo, realizado na **ASA**, no início de dezembro. Pensamentos divergentes vieram à tona quando religiosos, acadêmicos e pessoas interessadas se depararam com uma avalanche de informações sobre um tema ainda pouco explorado por nossa comunidade. A curiosidade se manifestou em todas as palestras, gerando uma série de indagações.

Como definir a condição de ser judeu? No seminário, a primeira pergunta a gerar controvérsia foi: quem é judeu? Para alguns, o sentimento de ser judeu passa por valores históricos e culturais que nos envolvem e nos cativam para praticarmos algo que nos dê sentido de pertencimento. Para outros, a definição passa por um processo de ensino e absorção dos preceitos da Halachá – conjunto de leis da religião judaica relacionado a costumes e tradições. Houve, também, relatos sobre a dificuldade de aceitação destes novos judeus pela comunidade judaica, além de emocionantes histórias de homens e mulheres que, ao descobrirem uma ancestralidade judaica, retornaram ao judaísmo de forma intensa e plena.

Hoje, a ciência nos possibilita descobrir uma ancestralidade judaica em famílias brasileiras por meio do teste de DNA. Mas, e daí? O que fazer com estas famílias? Deixá-las isoladas, integrá-las às instituições existentes ou orientá-las a formar sua própria congregação? Mais uma vez, ausência de consenso.

Ainda estamos distantes de um caminho seguro para definirmos quem é judeu e apontarmos formas de absorver estes novos elementos no seio de nossa comunidade. Mas não desistimos de buscar as respostas às perguntas sobre nossa condição. E cremos ter cumprido nossa parte ao levantarmos o assunto para discussão. ■

A diretoria da ASA e a equipe deste Boletim desejam a todos um feliz 2012.

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter z' / e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb, Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Foto da capa: 6/11/2011 – Diretores da Asa na sede do ICUF (Buenos Aires): Mauro Band, Esther Kuperman, Fanny Cytryn, Jacques Gruman, Clara Goldfarb e Gitel Bucaresky

Impressão: Stamppe

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



Estes dançam



Regente Claudia Alvarenga

Estes cantam

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -

Quinzenalmente, terças, às 15h30

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

AULAS DE ÍDISH - Quinzenalmente, quintas, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

Construir a unidade

Jacques Gruman / Especial para ASA

Fotos Sara M. Gruman

Villa Crespo é um bairro sossegado. Em meio a uma Buenos Aires agitada e cosmopolita, conserva traços do que já foi uma presença judaica marcante. Comércio típico, religiosos com suas roupas pretas saindo de sinagogas após o Shabat, algumas instituições. Numa delas, o colégio Scholem Aleichem, aconteceu em novembro o 2º Encuentro Judeo-Progresista Internacional, com a presença de delegações da Argentina, do Uruguai e do Brasil. A **ASA**, do Rio de Janeiro, e o ICIB – Instituto Cultural Israelita Brasileiro, de São Paulo, representaram o Brasil.

O Encuentro foi programado dentro dos festejos pelo 70º aniversário do ICUF – Ídisher Cultur Farband (Federação das Entidades Culturais Judaicas da Argentina – ler quadro “As origens” na página 5). A abertura, na noite de 4 de novembro, foi no Ídisher Folks Teater, uma construção antiga e espaçosa. Para um público de mais de 500 pessoas, discursaram dirigentes locais e Ruben Perecmanas, representante da Asociación Cultural Israelita dr. Jaime Zhitlovsky, do Uruguai. Embora com ênfases diferentes, alguns aspectos foram comuns aos pronunciamentos: a crítica dura ao modelo neoliberal que devastou as sociedades latino-americanas até recentemente; a homenagem aos assassinados pelas ditaduras militares do Cone Sul; e a necessidade de articulação das forças progressistas, judaicas ou não, para criar uma alternativa democrática ao capitalismo. Chamou a atenção a popularidade da presidente argentina, Cristina Kirchner, tanto na abertura como no encerramento. Cada vez que ela era mencionada, não se economizavam aplausos. É bom lembrar que estávamos na presença de um público muito politizado.

Terminados os discursos, começou o 3º Festival Coral-Cultural ICUF. Apresentaram-se os corais da **ASA** (muito aplaudido), Freilej (de Santa Fé, Argentina), Tradição (do ICIB) e Mordje Guebirtig (de

Delegados dos três países no fim do Encontro



A delegação brasileira: Fanny Cytryn, Mauro Band, Esther Kuperman, Dina Lida Kinoshita, Jacques Gruman, Clara Goldfarb, Marina Sendacz e Gitel Bucaresky



Coral da ASA



Fotos Sara M. Gruman



Os regentes homenageados



Os corais reunidos cantam O som da pessoa, de Gilberto Gil e Bené Fonteles

Buenos Aires). Encerrando a noite, todos os corais se reuniram para cantar *O som da pessoa*, de Gilberto Gil e Bené Fonteles. Para nós, é um prazer informar que o **Coral da ASA** apresentou-se, no dia seguinte, no Centro Cultural Ricardo Rojas, dentro da Universidade de Buenos Aires.

No dia 5, pegamos no pesado. Grupos de trabalho discutiram intensamente documentos e teses previamente elaborados por entidades presentes. Temas como a situação sócio-política dos países participantes e as perspectivas imediatas, balanço do segmento judaico progressista nestes países, panorama do Oriente Médio e norte da África, identidade judaica progressista e perspectivas do trabalho com a juventude mobilizaram os cerca de cem delegados. Os resultados foram muito interessantes e devem ser divulgados em breve.

Gostaria de destacar alguns pontos debatidos e aprovados pelos grupos, posteriormente referendados na reunião plenária.

Sobre o conflito israelense-palesti-

no: “Reafirmamos o direito à existência do Estado de Israel, sem convertê-lo, no entanto, em modelo e/ou razão única da identidade judaica”; “a garantia da existência de Israel só se materializará quando for alcançada a paz definitiva na região e, para que isso seja possível, é imprescindível a implementação da fórmula Dois povos, dois Estados, com fronteiras reconhecidas internacionalmente, pacíficas e seguras”; (sobre Israel) “uma sociedade com enormes desigualdades, fruto da aplicação de políticas neoliberais e do prolongamento do conflito com os palestinos, que resulta na mobilização de enormes recursos orçamentários para a defesa e a sustentação das colônias em territórios ocupados, não é uma boa base para se chegar a um entendimento com outros povos”.

Sobre a juventude: Antes de mencionar os destaques, registro a ótima impressão que tive da comissão que trabalhou sobre este assunto. Composta quase exclusivamente por mulheres jovens, demonstrou grande maturidade e capaci-

dade analítica. Entre as recomendações, duas chamaram a nossa atenção, já que sempre estamos às voltas com a apatia e ausência dos jovens nas atividades que organizamos e no comando das entidades: “que em todas as diretorias das instituições haja integrantes jovens (menores de 30 anos) e que a nova diretoria do ICUF conte com pelo menos um jovem” e “reforçar e incrementar a responsabilidade dos jovens nas instituições”.

Luta contra o antissemitismo e outras formas de discriminação: “O antissemitismo, longe de estar na essência humana, é uma construção sócio-histórica (...) Torna-se agudo em momentos de crises econômicas e sociais, como ideologia para consolidar impérios e novos poderes centrais, tal como aconteceu com o cristianismo, através do mito inicial da morte de Deus”; “nos tempos atuais, ganha força uma nova forma de antissemitismo, associado ao conflito do Oriente Médio e à imagem do Estado de Israel. A confusão de conceitos entre judeu, Estado de Israel e governo israelense abre caminho para uma identificação, infundada, entre os judeus em geral e as posições dos governos israelenses”; “como judeus progressistas, repudiamos as posições de certos setores de esquerda, que, baseados no falso silogismo *o inimigo do meu inimigo é meu amigo*, aplaudem regimes como o iraniano, negadores do genocídio perpetrado contra os judeus na Segunda Guerra Mundial”. No combate ao antissemitismo, o documento recomenda a integração na luta contra outras formas de discriminação (preconceitos de gênero, orientação sexual, cor da pele, origem nacional e/ou religiosa).

Identidade judaica progressista: “O judaísmo progressista tem raízes profundas nas lutas dos povos por justiça”; “nossas organizações nasceram com a exigência moral, ética e política de acompanhar, de forma ativa e militante, a comunidade judaica e, com o mesmo ardor, paixão e ligação ideológica, política e cultural, as sociedades mais amplas em que vivemos”; “entendemos que judeu progressista se define como laico, humanista, antifascista, antidiscriminatório e ecologista”; “cada um de nós terá, sempre, uma dupla raiz:

Foto Sara M. Gruman

a judaica e aquela que nos liga ao lugar em que vivemos”; “somos progressistas porque afirmamos que as reivindicações contemporâneas devem ser enfrentadas sob uma perspectiva solidária, fraterna e coletiva (...) e sempre estaremos junto com os povos dos países em que vivemos, lutando para torná-los sociedades mais justas e dignas”; “somos laicos porque, para agir, prescindimos de todas as injunções religiosas e não aceitamos a intromissão da religião nos governos e na educação pública, respeitando a adesão individual a qualquer religião”; “o judeu progressista não aceita como objetivo ou pré-requisito de sua identidade a adesão à ideologia e à praxis sionista e/ou religiosa, mas não nega nem condena os que aderem a elas”.

Por sugestão da delegação da **ASA**, foram aprovadas duas moções:

a) Apoiamos a luta pelo esclarecimento e condenação dos crimes cometidos pelas ditaduras que assolaram *nuestra América*, punindo-se os responsáveis.

b) Considerando que a separação entre religião e Estado é uma conquista democrática, opomo-nos à intromissão das religiões na vida pública, especialmente no ensino em escolas públicas e na exibição de símbolos religiosos em espaços públicos.

Os delegados aprovaram a sugestão de se criar o Movimento Judaico Progressista (MJP), indicando a formação de uma comissão que terá seis meses para redigir o estatuto definitivo da entidade. Na fase inicial, contará com entidades do Brasil, do Uruguai e da Argentina.

Na plenária, a convite da direção do ICUF, tive a honra de pronunciar o discurso de encerramento. Pela unanimidade



Coral Tradição

Foto Gittel Bucarecky



Jacques Gruman

dos presentes, o texto constará dos anais do Encontro. Mauro Band, pela **ASA**, e Marina Sendacz, pelo ICIB, fizeram pequenas saudações. Seguiu-se o ato festivo de comemoração do 70º aniversário do ICUF/Argentina.

Recebemos a incumbência de organizar o próximo Encontro, no Rio, em 2014. É uma tarefa importante, especialmente

nesta fase inicial de construção da unidade das entidades judaicas progressistas e da formação de um contraponto eficaz à hegemonia conservadora nas comunidades judaicas. Oxalá estejamos à altura deste desafio histórico. ■

Jacques Gruman é diretor da **ASA** e colaborador deste Boletim.

AS ORIGENS (*)

Em 1937, no rastro do Congresso dos Escritores Antifascistas, realizado em Paris dois anos antes como uma trincheira de luta cultural contra a ascensão do nazifascismo, realiza-se, na mesma cidade, um encontro de intelectuais judeus que desemboca na fundação do ICUF – Ídisher Cultur Farband (Associação Cultural Judaica). Entre os objetivos do ICUF constava a

preocupação “em ampliar, aprofundar e enriquecer a cultura judaica laica e progressista, estimular seu crescimento visando a justiça social e a liberdade”. Representando 23 entidades judaicas da Argentina e do Uruguai, estava Pinie Katz. Pelo Brasil, compareceu M. Kopelman.

Da matriz parisiense, surgiram ramificações. Embora tenham funcionado

nas comunidades judaicas brasileira e argentina, a principal foi, certamente, a da Argentina, onde se concentrou o maior contingente de imigrantes judeus na América Latina. Lá, o ICUF se constituiu num verdadeiro movimento político-cultural das massas judaicas. ■

(*) Fonte: “O ICUF como uma rede de intelectuais” – Dina Lida Kinoshita (Revista Universum, 2000).

Uma união imperativa

Geraldo Majela Pessoa Tardelli / Especial para ASA

Fé e Política é um tema que suscita muita polêmica, e isso não é de hoje. A política diz respeito à vida em sociedade e, em tese, deveria se destinar à busca do bem comum, notadamente ao fim das injustiças, misérias e desigualdades, pois, afinal, todas as pessoas nascem dignas de uma vida justa. Mas qual é o lugar da religião e da fé na sociedade?

Um estudioso atento da História poderá perceber o uso político da religião como forma de dominação dos poderosos em face dos mais fracos: a fé como instrumento de manipulação. Em diferentes momentos da História, vemos também que sempre apareceu alguém para resgatar o verdadeiro sentido da tradição bíblica, como São Francisco de Assis, quando, no auge do poder secular da Igreja, no século 13, defende a pobreza evangélica, e padre Bartolomeu de las Casas, que, no século 16, em plena dominação colonial espanhola, denuncia o genocídio dos indígenas. São dois nomes do catolicismo, dentre muitos outros que poderiam ser aqui lembrados.

No entanto, contrariamente à manipulação das pessoas pela fé – mas muito no caminho traçado por dom Helder Câmara, que foi Bispo de Recife durante o regime militar nas décadas de 1960 e 1970 –, a fé não pode ser desvinculada da ação política. No relato do Livro do *Gênesis*, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. Se todos temos traços à imagem e semelhança de Deus, todos somos dignos de uma vida plena. Assim, é impossível tratar a fé sem relação com a justiça social, e falar em justiça social é falar necessariamente de sua realização através da política.

Vida plena pressupõe não só condições materiais e educacionais mínimas, mas a efetiva possibilidade de se lutar para que essa vida seja significativa, na qual todos possam amar, trabalhar, constituir suas famílias, ter vida cultural, ou seja, ser felizes. Assim, é um enorme pecado, face à Palavra de Deus, toda situação política,

cultural e econômica que gera pobreza, discriminação ou desigualdade social.

Se vivemos em uma sociedade eminentemente injusta, arbitrária, onde a dignidade é medida pelo poder, normalmente ligado ao dinheiro, como abdicar da luta política, para alterar essa realidade?

A verdadeira caridade, que pode ser vista como gesto de amor à criação, só pode ser plena através da política e de um posicionamento concreto a favor dos injustiçados. Entende-se por um posicionamento concreto o combate político à cultura da morte (qual nome se pode dar a uma política econômica que não se importa com a morte, por fome, de milhões de pobres?).

A proximidade de judeus e cristãos é maior que suas diferenças.

Além de todo o exposto, a própria tradição judaico-cristã, com uma leitura atenta da *Bíblia*, mais do que nos recomenda um engajamento político em favor de uma sociedade mais justa e fraterna: ela nos impõe.

Lembremo-nos de algumas passagens bíblicas que nos remetem a esse engajamento.

Quando Moisés se vê face a face com Deus, o que lhe é dito?

O Senhor lhe disse: Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. (Êxodo 3,7)

O Deus judaico-cristão é de exigências éticas: não aceita a escravidão, nem o sofrimento decorrente, e manda o seu grande profeta para organizar uma revolta de escravos. Revolta essa não só para se libertarem

do jugo, mas também para que fossem em busca da terra onde corre leite e mel.

Quando se busca a origem da palavra “hebreu” se encontra a palavra *hapirus*, que significa “bandos armados” que, exatamente, lutavam contra a opressão. Moisés foi isso: um líder na revolta de... escravos! Moisés não foi ao Egito defender a obediência à escravidão em troca do pão; ao contrário, foi defender a liberdade e a busca de uma vida nova. Qual o nome que se dá a isso? Política.

Não gratuitamente surge, a partir de Moisés, nas comunidades das Doze Tribos, a primeira experiência de governo comunitário, no tempo dos Juizes, quando não havia rei. Ora, na época, vigia, nos povos organizados, o denominado modo de produção asiático, onde já vigorava o regime monetário, autocrático, em que, não raramente, o rei era visto quase como uma representação de Deus, opressor e violento. Se Moisés defendesse o modo de produção asiático, não teria organizado o seu povo para viver nesse modo? De onde surgiria um pensamento político, no século 14 aC, que rejeitava, de modo fundamentado, a figura do rei?

Todo o relato bíblico da escolha do primeiro rei, Saul, nome adotado na tradução cristã, está permeado de longas discussões sobre o significado de o povo se submeter ao seu poder e ao sistema tributário que decorreria disso. Foi uma decisão política que objetivava, antes de tudo, organizar a defesa do modo de vida das Tribos face aos impérios que os ameaçavam. Tratou-se, assim, de uma necessidade e não de uma escolha, em que as tribos achavam que fosse realmente melhor ter um rei.

Séculos mais tarde, surge em Judá e em Israel (reinos do sul e do norte, respectivamente) uma tradição profética muito negligenciada e mal interpretada, pois como negar a revolta subjacente às manifestações dos profetas? Como negar, por exemplo, a indignação de um Miqueias

face ao poder absoluto e injusto? Como negar a indignação de Elias com a pobreza face à opulência de poucos?

Nessas poucas palavras, vê-se que a tradição judaico-cristã não admite, na tradição de Jesus, filho de José, a omissão, como se vê na seguinte passagem: *Conheço a tua conduta. Não és frio, nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas, porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca.* (Apocalipse 3, 15 e 16)

Tendo esses pressupostos teológicos, surgiu, na América Latina, nos anos 1960, dentro da tradição católica, a chamada Teologia da Libertação, que teve como seu primeiro organizador o padre peruano Gustavo Gutierrez.

No Brasil, sugeriram grandes teólogos da libertação católicos como Leonardo Boff, Clodovis Boff, Frei Betto, José Comblin, entre outros. Esses teólogos encontraram em bispos como dom Helder Câmara, dom Paulo Evaristo Arns, dom Pedro Casaldaliga, entre outros tantos, abrigo e incentivo, que culminaram na verdadeira luta travada contra a ditadura militar, período em que não poucos católicos militantes tombaram, como padre João Bosco Penido Burnier, padre Josimo Tavares, o operário Santo Dias da Silva etc.

Para a Teologia da Libertação, é imperativo resgatarmos a antropologia judaica e nos afastarmos da tradição grega, dualista, que serve para justificar o mundo como imperfeito face ao mundo perfeito vindouro, que tanto influenciou a Igreja; quando, na realidade, a tarefa da pessoa de fé é trazer para o mundo sensível a justiça, a fraternidade e a felicidade.

É fundamental vermos a posição

de Jesus face à ocupação romana, de oposição e jamais de concordância, e o quanto valorizava justamente a tradição profética judaica de combate à injustiça e à subserviência.

O resgate histórico-crítico aqui apresentado para uma correta exegese do cristianismo primitivo aproxima o catolicismo da Teologia da Libertação da tradição judaica de inconformismo com as injustiças.

A proximidade de judeus e cristãos é maior que suas diferenças. Quando o rabino Sobel, na defesa da dignidade do nome de Vladimir Herzog – morto sob torturas e com uma imputação ridícula de suicídio – e de sua família, resolve denunciar a atrocidade cometida, o fez com dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo católico, e o reverendo James Wright, presbiteriano, em histórico ato inter-religioso, na Catedral da Sé, em 1975.

No entanto, é de se destacar que a luta política, na perspectiva religiosa, deve se dar tendo como base a ética que decorre da fé e não a fé em si, preservando sem-

pre o caráter laico do Estado. O pensador católico Juan Luis Ruiz de la Pena destaca que “o real é secular, profano, não divino nem sagrado”, e as experiências históricas de Estados teocráticos revelam que isso deve ser evitado a qualquer custo.

Assim, a fé deve impulsionar a luta política, antes de tudo com a defesa de valores éticos, mas sempre preservando a liberdade de opção político-partidária de cada fiel.

Contudo, o respeito ao pluralismo de ideias não significa que na política não se pode ter lado. Deve-se ter lado sim: o daqueles que sofrem qualquer tipo de injustiça. Sem essa opção, é difícil crer que alguém realmente acredite no Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. ■

Geraldo Majela Pessoa Tardelli,

advogado, é diretor da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo.

Foi coordenador do Instituto Teológico Brasilândia ITEBRA.

Doce De Leite

Confetaria artística
Tradição em bolos e doces

Fazemos as delícias do seu evento

Pão de Mel - Doces - Bolos - Bem-casados

21 2551-2630 (Claudete) | 3657-8812 (Graça)



Martins Associados - Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana
Telefone: 2255-7491

Mauro Acselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852
E-mail: acsel@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929
E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Círculo Sholem Aleichem*

Motl Polansky

Idel e Sonia decidiram casar-se. Muitas piadas corriam pela cidade sobre o novo parentesco entre Yassern e Kivecha. Idel passou a morar na casa de Sonia, mas a maior parte do dia passava na Rua dos Açougues e na casa de sua mãe. Os pais de Sonia de repente descobriram nele boas qualidades. Com o tempo, também mudaram de opinião sobre a sua profissão. Kivecha tinha de suportar as ironias das vizinhas. “Bom casamento... Quer dizer que agora já temos também um sapateiro na praça... Como os tempos mudam...” Kivecha respondia calmamente: “É verdade, ninguém pode prever o futuro. Hoje sapateiro, amanhã ministro” (*Haint a shíster, morgn a minister!*).

Gavrilu com seus gendarmes e a polícia política espionavam a todos. Muitos pais espionavam também seus filhos e os jovens em geral, procurando saber aonde iam, os locais que frequentavam, especialmente depois do casamento tumultuoso de Idel e Sonia. Era preciso fazer algo para desviar a atenção da Rua dos Açougues, que dava tanto o que falar.

Tratamos logo de legalizar uma organização do tipo “liga cultural”, já existente em várias cidades, em torno da qual poderiam se agrupar os elementos progressistas, facilitando que se encobrisse o trabalho clandestino. Para conseguir permissão precisávamos da ajuda de gente importante na cidade. Ita, a inteligente, achou logo um jovem médico, Landa, homem de convicções democráticas que casualmente dava-se bem com o pretor da cidade, a quem também agradava financeiramente. Obtida a permissão, deu-se à organização o nome de Círculo Sholem Aleichem.

Alugou-se logo um local. Foram permitidos uma biblioteca, um salão de leitura e um curso noturno para jovens. O Círculo se tornou um importante centro cultural da cidade, ao qual muita gente acorria aos sábados. Ita Kucuruza atraiu muita gente inteligente e culta. Havia conferências sobre Medicina, Economia e História dadas por médicos, advogados, professores. O

Reprodução



doutor Landa analisava os fatores sociais de doenças como a tuberculose, que na maior parte atingia as populações pobres. Um grande número de ativistas ingressou no coro e no Círculo Dramático. Um assíduo frequentador do Círculo foi o nosso conhecido alemão Yanitski Yoanne. Ele aparecia de mansinho e, respeitosamente, parava na porta observando como eu regia o coro. Eu lhe cedia o lugar. Yanitski se colocava majestosamente frente ao coro, erguia os braços, dava o tom necessário e começava sozinho, em voz baixa, as primeiras frases da canção:

“Oh, amigos, quando eu morrer na ribeira / Tragam para meu túmulo nossa bandeira.”

O coro começava baixinho e depois disparava com força crescente:

“A bandeira da liberdade / Vermelha de cor / Salpicada de sangue e suor.”

Os passantes paravam perto da janela para ouvir as canções de Edelstat, Rozenfeld, Wintchevsky e do trovador bessarábio Zeilig Berditchever. Berditchever viveu apenas 39 anos, modestamente, como professor nas aldeias e também na cidade de Beltz, sempre ligado às massas populares. Ouvia-se em suas canções a triste e amarga sorte da nossa pátria, a Bessarábia, sob o jugo dos dominadores romenos, a dor do explorado camponês, a alegre melodia do proletário judeu. Ouvia-se também o prenúncio de tempos melhores. Enquanto ele era vivo, certos aristocratas, que se consideravam grandes escritores, recebiam as canções de Berditchever com indiferença, frieza e deboche. Elas nunca foram publicadas. Ele escreveu também prosa e várias

obras dramáticas. De tudo, infelizmente, sobrou apenas um livrinho com nove canções editado pelo ativista cultural de Tchernovitz Hersh Segal, um ano após a morte de Berditchever. Graças ao livro, essas canções se tornaram célebres em outros países – justamente as obras que ninguém queria editar quando ele ainda estava vivo. Ao que parece, ele foi o único entre os famosos escritores daquela Romênia cujas obras foram incluídas, junto com as dos populares Eliezer Steinberg e Itzik Manguer, nos programas de concerto dos artistas profissionais e nas atividades artísticas em geral. Algumas peças de Berditchever foram encenadas pelo Círculo Dramático junto com vários contos de Peretz e de Sholem Aleichem. Parte do lucro proveniente dos nossos concertos noturnos públicos, muito elogiados pela cidade, destinou-se à compra de livros para a biblioteca, e a outra, aos prisioneiros políticos.

A biblioteca foi entregue a Katzop, que recolheu livros entre os amigos e também comprou novos. Os do pequeno armário de Idel foram trazidos para a biblioteca, e os proibidos passavam de mão em mão. A biblioteca do Círculo Sholem Aleichem logo atraiu todos os leitores da cidade. Quando fechava, realizavam-se pequenas reuniões. Primeiro chegavam Hérshle e Meilech, como se fossem jogar uma partida de xadrez. Depois vinham Ita e a irmã de Meilech, Sheindl. Entre Katzop e Sheindl sabia-se haver um silencioso romance. Eles se sentavam já com as peças arrumadas no tabuleiro e começavam a tratar do assunto MOPR-Organização Internacional de Auxílio aos Presos Políticos, que havia sido confiado a esse grupo.

Hérshle e Meilech ocupavam-se de recolher dinheiro para o MOPR. Haim cuidava da tesouraria, e Ita e Sheindl tratavam da expedição e coletas em certos locais. Em todo o país havia grandes repressões, e as cadeias estavam repletas de prisioneiros políticos. O regime nas cadeias era insuportável e exigia ajuda urgente. Entre os companheiros organizados

e entre os simpatizantes do povo havia uma contribuição mensal voluntária. Mas era pouco. Começaram então a recolher roupa, comida e dinheiro. De todos os jeitos, em qualquer oportunidade. Meilech e Sheindl iam aos casamentos fingindo-se de convidados, dançavam com todos e pediam dinheiro para as famílias necessitadas ou para os doentes. Organizavam também uma loteria que conseguiu muito dinheiro, mas também nem sempre acabou bem. Certa vez, Sheindl entrou correndo na biblioteca, pálida e assustada, contando que na hora de fazer o sorteio, entre as montanhas perto do Rio Tchipe, apareceu Gavrilu, prendeu Meilech e mais alguns ativistas. Só ela havia conseguido fugir. Os sócios do comitê correram a procurar Shloime Starosta, que conseguiu libertar a todos. Só ao Meilech, Gavrilu segurou e disse: “Nunca mais quero te ver na minha frente.” E deu-lhe um empurrão.

Gavrilu guardou a lista com os nomes dos donos dos bilhetes junto com a outra lista do teatro. Na véspera das festividades revolucionárias, promoveu muitas prisões. As pessoas tinham de se esconder. O dinheiro recolhido, as roupas e alimentos eram mandados para o MOPR da cidade de Yas. Os pacotes eram preparados na casa de Ita. Sheindl costurava os sacos de algodão, Ita escrevia os endereços e a mãe de Ita ajudava bastante. De vez em quando, Ita tossia um pouco, mas não ligava.

Os choques entre Meilech e Gavrilu criaram uma situação difícil, que podia prejudicar o Círculo Sholem Aleichem. Meilech decidiu procurar trabalho em Bucarest. Ele era muito querido por todos, mas compreendemos que tinha razão.

No Círculo Sholem Aleichem todos cuidavam para que não houvesse mais suspeitas de ligação com os que trabalhavam clandestinamente. Durante as noites o local era animado. Muita gente na sala de leitura. Para os cursos noturnos havia sempre novos jovens trabalhadores. Certa vez, o pessoal trouxe um rapaz, Ichil Guerchen, filho de um lituano. O pai trabalhava na casa de banhos. Às vezes, dormiam na própria casa de banhos. A mãe de Ichil morreu quando ele era ainda criança. Criado pelo pai, muito cedo começou a trabalhar numa padaria. Estudou por pouco tempo na escola. Mal deu para

aprender a ler uma palavra. Mas os cursos noturnos foram de muito proveito para Ichil. Certa vez, disse: “Pessoal, vou cantar para vocês uma canção de minha autoria.” Ele tinha as rimas de cor, pois não sabia escrever. “Tudo vem de minha cabeça à noite, quando estou sentado perto do forno, olhando para o fogo, pensando, pensando. Esses minutos são para mim uma salvação! E me ocorre que Gorki também era padeiro.” A turma, bem humorada, brincava: “Gorki de Securon...” Logo ele aprendeu a escrever suas canções. Algumas foram transcritas no jornal mural do Círculo Sholem Aleichem.

Ichil Guerchen começou a participar dos trabalhos clandestinos e chegou a dirigir uma pequena greve na padaria por melhores condições de trabalho. Ele ficava admirado da mudança radical que havia

O regime nas cadeias era insuportável.

sofrido desde que começara a frequentar o Círculo. As pessoas mais bem situadas da cidade e os religiosos começaram a olhá-lo enviesado, e ao Círculo Sholem Aleichem, que era como um osso atravessado na garganta. Passaram a buscar uma forma de comprometer-lo aos olhos do povo e do governo.

Assim, começaram a aparecer uns tipos suspeitos sob as janelas, tentando pegar algo que servisse para alguma provocação. No Iom Kipur, espalharam na sinagoga a notícia de que o Círculo estava realizando um almoço. Alguns tolos correram para lá para efetuar um ataque, mas encontraram as portas fechadas a cadeado. Nas conferências, sempre apareciam uns sujeitos com o fim de fazer provocações e tumulto, especialmente quando se apresentava o Hérshle, que tinha fama de polemista apaixonado. Num sábado à noite, Hérshle levantou a questão do antissemitismo que grassava no país. Falou sobre como o sistema capitalista usava o antissemitismo como diversionismo, como meio de esfriar a ira do povo contra os culpados pela sua pobreza. Com exemplos vivos e datas históricas, demonstrou

que o antissemitismo sempre serviu de barômetro da insatisfação popular com relação ao regime dos governantes. Falou sobre a marcha da História, que finalmente conduzirá à salvação do mundo, livrando a Humanidade de todos os males sociais. O lugar estava repleto e muita gente ficou de fora, olhando pelas janelas. No fim, um dos jovens interrompeu a exposição e começou a falar: “Nós acabamos de ouvir falar da salvação do mundo. Claro que isto seria bom, mas ainda estamos por ver. Por enquanto, que problemas mundiais podem existir para nós, judeus? Enquanto estamos na Diáspora, almejamos nossa salvação nacional, nossa ressurreição; não podemos esquecer que somos judeus.”

Formou-se um tumulto. Mas Hérshle não se perdeu. Olhou para o povo e disse com ironia: “Vocês estão ouvindo. Ser gente é pouco. Nós precisamos ser judeus, judeus que sentem que estão na Diáspora. Com a salvação do mundo, cada povo ficará salvo e livre. Será o fim de todas as barbáries e injustiças, a Diáspora e o que com ela está relacionado.”

Hérshle se sentou. Suas últimas palavras tinham agradado a todos. O povo aplaudiu. ■

(continua no próximo número)

Tradução de Isaac Acelrad

** Os capítulos anteriores estão disponíveis no site da ASA.*

**ber
vel**

Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Por trás da notícia

Henrique Veltman / Especial para ASA

O jornal *O Estado de São Paulo* tem uma pequena seção, no seu segundo caderno, intitulada “Há um século”. E num domingo de 2007, destacava a seguinte notícia do mesmo dia e mês:

“A Jewish Territorial Organization propôs ao governo estabelecer no Brasil um serviço de colonização.”

Interessante, não? Dois anos depois de sua fundação, a JTO queria implantar um núcleo judaico no Brasil. A JTO fora fundada em 1905 pelo escritor Israel Zangwill para promover o estabelecimento de judeus em áreas fora da Palestina Otomana. Ele e seus companheiros acreditavam que o movimento sionista jamais poderia garantir a segurança dos assentamentos judaicos na Palestina. Essa posição ganhou o nome de Sionismo Territorial.

No 6º Congresso Sionista, realizado em Basileia, Suíça, em 26 de agosto de 1903, Theodor Herzl propusera que Uganda, então território britânico, servisse de refúgio temporário de emergência para os judeus da Rússia, que estavam em perigo iminente. Os pogroms se sucediam no leste europeu.

Embora Herzl tivesse deixado claro que esse programa não afetaria a meta última do sionismo – uma entidade judaica na Terra de Israel – a proposta provocou muita celeuma no Congresso e quase causou uma cisão no movimento sionista. Constituiu-se, então, a Organização Territorialista Judaica, fruto da unificação de diversos grupos que apoiavam as propostas de Herzl e Zangwill sobre Uganda entre 1903 e 1905. O chamado Programa de Uganda, que nunca contou com muito apoio, foi formalmente rejeitado pelo 7º Congresso Sionista, em 1905.

Nada obstante, gente muito importante continuava achando que as metas da JTO poderiam ser alcançadas, na Palestina e fora dela. Rumo ao Texas, por exemplo.

Cyrus L. Sulzberger, dono do jornal

Reprodução



Zangwill: fundador da JTO e capa da Time

The New York Times, escrevia longo artigo em 5 de janeiro de 1907, defendendo a imigração dos refugiados judeus para Galveston, no Texas. Sulzberger era o presidente do Conselho Americano da Organização Territorial Judaica e publicou detalhes do projeto que levaria para o Texas os perseguidos da Rússia. Nesse artigo, ele confirma o donativo de 500 mil dólares efetuado pelo milionário Jacob H. Schiff.

Dois anos depois, Schiff consolidava seu plano de imigração para Galveston. Schiff coordenava o Escritório de Remoção Industrial (IRO) em Nova York, e o escritório da Organização Territorial Judaica na Grã Bretanha, para enviar imigrantes judeus ao porto de Galveston, no Texas.

Ao mesmo tempo, o Birô de Informações da Imigração Judaica (JIIB) era criado nesse mesmo ano de 1907 como um braço do IRO para receber esses imigrantes em Galveston e cuidar de seu assentamento nos Estados Unidos. O Escritório de Remoção Industrial (IRO) fora estabelecido em 1901 pela United Hebrew Charities of New York, pela B'nai B'rith, pelo Fundo do Barão Hirsch, e outras agências judaicas de apoio aos imigrantes. Assim,

essas entidades, e ainda o Hilfsverein der Deutschen Juden (Relief, originalmente uma organização dos judeus alemães) trabalharam juntas para levar os judeus para Galveston.

Panfletos foram distribuídos na Europa para convencer os judeus russos a imigrar para os Estados Unidos, diretamente ao porto de Galveston. Havia uma decisão clara de evitar a imigração para Nova York...

A rota saía da Rússia para Bremen, na Alemanha, e de lá, com o apoio do Relief, os imigrantes judeus eram embarcados em navios que seguiam diretamente para Galveston. Chegando ao Texas, eles eram encaminhados pelo JIIB e distribuídos às várias cidades americanas da região.

O problema da imigração judaica estava na ordem do dia, em 1905. O *Times* de Londres, no dia 8 de dezembro daquele ano, publicou uma extensa carta assinada por Lord Rothschild, Sir Samuel Montague, David L. Alexander, Joseph Claude, G. Montefiore, Leonard L. Cohen, Benjamin L. Cohen, e Stuart M. Samuel, na qual argumentam contra o movimento sionista, mas também contra o esquema da Organização Territorial Judaica. Ao mesmo tempo em que não viam no sionismo uma proteção real aos imigrantes na Palestina turca, temiam pela possível assimilação desses judeus “espalhados pela América”. A posição desses poderosos era traduzida na ação da The Jewish Colonization Society (ICA), financiada originalmente pelo Barão Hirsch, mas que buscava assentar os imigrantes em projetos coletivos – como os que realmente foram implementados na Argentina e nas quatro colônias do Rio Grande do Sul. Toda essa conversa provocada por uma notícia de quatro linhas numa seção de *O Estado de São Paulo*... ■

Henrique Veltman, carioca, 75 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br
Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

NOTAS

■ **O 1º Encontro** Brasileiro sobre Cripto-Judaísmo, idealizado e organizado por Nelson Menda, teve lugar no auditório da **ASA** durante os dias 4 e 5 de dezembro, com a participação de representantes de comunidades judaicas e cripto-judaicas de Brasília, Petrópolis, Vitória, Ilhéus, Itabuna e Eunápolis. Após a saudação do presidente da **ASA**, Mauro Band, e a apresentação do **Coral da ASA**, regido por Claudia Alvarenga, Helena Lewin pronunciou a conferência de abertura, “Os cripto-judeus e sua identidade partida”. Seguiram-se palestras de Nelson Menda (“Costumes judaicos incorporados ao dia a dia dos brasileiros”), David Albagli Gorodicht (“Judaísmo e cripto-judaísmo em Portugal ontem e hoje”), Aron Hazan (“O day-after dos seguidores de Shabetai Tzvi”) e Leon Rousseau (“DNA – Um recurso extraordinário na comprovação da ancestralidade judaica”). Representantes de comunidades cripto-judaicas de cidades da Bahia, Brasília, Petrópolis e Vitória deram depoimentos como retornados, e o *hazan* Nelson Zeitune, da Sinagoga Beth-El, encerrou a primeira parte do programa entoando o *Kol Nidrei*. No dia seguinte, Maria Eugénia Albergaria, da Universidade de Lisboa, falou sobre os bordados cripto-judaicos açorianos e apresentou diversos exemplares muito admirados pelo público. “Os cristãos-novos e a Inquisição na América Meridional” foi o tema da mesa de Ieda Gutfreind, Wilson Ruivo dos Santos e Miguel do Espírito Santo, do Instituto Marc Chagall (RS). Melekh Avraham, da Sinagoga Pnei Or (Petrópolis), discorreu sobre “Bnei Anussim, cristão-novo, marrano ou cripto-judeu – tem diferença?”. Deram palestra em seguida o presidente do Conselho Sefaradi, Samuel Benoliel (“A saga do capitão Barros Basto”, cuja reabilitação está sendo reivindicada em petição que circula pela internet), e André Amram Duque (“Retornos e conversões dentro da halachá”). Após as exposições, o público debateu com uma mesa formada por Samuel Benoliel, Luiz Benyosef, Chaim Nigri, David Gorodicht, Saul Gefter e André Amram Duque. O grupo de preservação da música sefaradi Angeles i Malahines, sob a regência de José Behar, encerrou o Encontro.

Fotos Sara M. Gruman



Nelson Zeitune



Bartolomeu (Vitória)



Leon Rousseau



Tiara (Ilhéus), Cirilo (Eunápolis) e André (Brasília)



Nelson Menda entre Aron Hazan e David Gorodicht



Melekh Avraham

Fotos Jacques Gruman



Maria Eugênia Albergaria



Mauro Band, Miguel do Espírito Santo, Ieda Gutfreind e Wilson Ruivo dos Santos

Foto Sara M. Gruman



Helena Lewin



Nelson Menda e Mauro Band



Angeles i Malahines



Samuel Benoliel, Isaac Kayat e André Amram Duque

Foto Sara M. Gruman

■ **A ASA**, o Instituto Casa Grande, a Escola Nacional Florestan Fernandes e o jornal de política e cultura *Algo a Dizer* promoveram, no dia 8 de novembro, a exibição do documentário *La Independencia Inconclusa*, do chileno Luis R. Vera. O filme trata do 200º aniversário da independência formal de muitos países da América latina e da luta pela conquista da verdadeira emancipação. O diretor esteve presente e debateu com o público depois da exibição.

Foto Mauro Band



Luis Vera (1º plano), Marcelo Barbosa (Inst. Casa Grande) e Jacques Gruman

■ **Um episódio** de antissemitismo na França. Esse é o tema central do filme *A Chave de Sarah*, exibido na **ASA** no dia 20 de novembro, com o copatrocínio do Museu Judaico. O filme entrou posteriormente no circuito comercial.

■ **O Coral da ASA** fez uma emocionada apresentação no Lar União, no dia 26 de novembro. O público, composto pelos internos e seus parentes e os funcionários, pediu bis várias vezes. É importante informar que o **Coral da ASA** se dispõe a ir gratuitamente à instituição que manifestar interesse. Para agendar as apresentações, basta ligar para a secretaria da **ASA** (2539-7740 e 2535-1808, das 10 às 18 horas).

Foto Fábio Rocha



Coral da ASA no Lar União

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001